

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos
(Organizador)

Linguística, Letras e Artes:

Sujeitos, Histórias e Ideologias

2

 **Atena**
Editora

Ano 2021

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos
(Organizador)

Linguística, Letras e Artes:

Sujeitos, Histórias e Ideologias

2

 **Atena**
Editora

Ano 2021

Editora ChefeProf^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira**Assistentes Editoriais**

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof^a Dr^a Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Elói Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Prof^a Dr^a Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^a Dr^a Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof^a Dr^a Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof^a Dr^a Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Jayme Augusto Peres – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof^a Dr^a Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Prof^a Dr^a Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof^a Dr^a Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Daniela Reis Joaquim de Freitas – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlundo Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Fernanda Miguel de Andrade – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federacl do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Welma Emidio da Silva – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Profª Drª Ana Grasielle Dionísio Corrêa – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande

Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Sidney Gonçalves de Lima – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo
Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo,
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miraniide Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Profª Ma. Adriana Regina Vettorazzi Schmitt – Instituto Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Amanda Vasconcelos Guimarães – Universidade Federal de Lavras
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andrezza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Me. Carlos Augusto Zilli – Instituto Federal de Santa Catarina
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa

Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Edson Ribeiro de Britto de Almeida Junior – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Fabiano Eloy Atilio Batista – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará
Prof. Me. Francisco Sérgio Lopes Vasconcelos Filho – Universidade Federal do Cariri
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFGA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenología & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Lilian de Souza – Faculdade de Tecnologia de Itu
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Livia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Me. Luiz Renato da Silva Rocha – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos

Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Dr. Pedro Henrique Abreu Moura – Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Rafael Cunha Ferro – Universidade Anhembi Morumbi
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Renan Monteiro do Nascimento – Universidade de Brasília
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Linguística, letras e artes: sujeitos, histórias e ideologias 2

Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Luiza Alves Batista
Correção: Maiara Ferreira
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizador: Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L755 Linguística, letras e artes: sujeitos, histórias e ideologias 2 /
Organizador Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos. –
Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-028-2

DOI 10.22533/at.ed.282212804

1. Linguística. 2. Letras. 3. Artes. I. Vasconcelos,
Adaylson Wagner Sousa de (Organizador). II. Título.
CDD 410

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

APRESENTAÇÃO

Em **LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES: SUJEITOS, HISTÓRIAS E IDEOLOGIAS 2**, coletânea de vinte e um capítulos que une pesquisadores de diversas instituições, congregamos discussões e temáticas que circundam a grande área da Linguística, Letras e Artes e dos diálogos possíveis de serem realizados com as demais áreas do saber.

Temos, nesse volume, dois grandes grupos de reflexões que explicitam essas interações. Neles estão debates que circundam estudos linguísticos; e estudos em artes.

Estudos linguísticos traz análises sobre tempos verbais, formas de tratamento, língua de herança, linguagem oral, análise do discurso, subjetividade, multimodalidade, argumentação, gêneros textuais.

Em estudos em artes são verificadas contribuições que versam sobre dialogismo bakhtiniano, música, performance, viola, canto, consultoria musical, samba, arte e representação japonesa.

Assim sendo, convidamos todos os leitores para exercitar diálogos com os estudos aqui contemplados.

Tenham proveitosas leituras!

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
ENSINANDO OS TEMPOS VERBAIS DA LÍNGUA PORTUGUESA	
Afrânio da Silva Garcia	
DOI 10.22533/at.ed.2822128041	
CAPÍTULO 2	15
FORMAS DE TRATAMENTO EM PERSPECTIVA	
Luiz Antônio da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.2822128042	
CAPÍTULO 3	26
ENTRE A LÍNGUA DE HERANÇA E O PORTUGUÊS NA REGIÃO COLONIAL ITALIANA DO RIO GRANDE DO SUL, BRASIL: TENSIONAMENTOS, PROIBIÇÕES E INTERDIÇÕES NO ESTADO NOVO GETULISTA (1937-1945)	
Carmen Maria Faggion	
Terciane Ângela Luchese	
DOI 10.22533/at.ed.2822128043	
CAPÍTULO 4	44
A LINGUAGEM ORAL EM QUISSAMÃ: UM RESGATE PIONEIRO E ÚNICO	
Carmen Elena das Chagas	
DOI 10.22533/at.ed.2822128044	
CAPÍTULO 5	59
O NARIZ DE PALHAÇO COMO UMA MÍDIA	
Romulo Santana Osthues	
DOI 10.22533/at.ed.2822128045	
CAPÍTULO 6	74
ESTETIZAÇÃO DA SUBJETIVIDADE: FORMAS CONTEMPORÂNEAS DE CUIDADO E PRODUÇÃO DE SI MESMO	
Kleber Prado Filho	
DOI 10.22533/at.ed.2822128046	
CAPÍTULO 7	83
MULTIMODALIDADE E ARGUMENTAÇÃO: ELEMENTOS INDISSOCIÁVEIS DA PRÁTICA INTERATIVA REALIZADA NO PROCESSO COMUNICATIVO	
Wedja Nívea da Silva Cavalcanti	
DOI 10.22533/at.ed.2822128047	
CAPÍTULO 8	95
ARGUMENTAÇÃO JURÍDICA E O GÊNERO CONTESTAÇÃO	
Célia Maria de Medeiros	
DOI 10.22533/at.ed.2822128048	

CAPÍTULO 9	111
GÊNEROS TEXTUAIS NOS MANUAIS DE PORTUGUÊS LÍNGUA ESTRANGEIRA: O QUE FALTA?	
Regina Lúcia Péret Dell'Isola	
DOI 10.22533/at.ed.2822128049	
CAPÍTULO 10	122
ANÁLISE COMPARATIVA DE EDITORIAIS NOS JORNAIS FOLHA DE S.PAULO E ESTADO DE S. PAULO	
Verônica Mendes de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.28221280410	
CAPÍTULO 11	135
NOTA JORNALÍSTICA CONCRETIZA O DISCURSO DE INSTITUIÇÃO BANCÁRIA: UMA METODOLOGIA PARA ANALISAR O DISCURSO ORGANIZACIONAL	
Marta Cardoso de Andrade	
DOI 10.22533/at.ed.28221280411	
CAPÍTULO 12	147
DIALOGISMO BAKHTINIANO COMO FERRAMENTA MUSICOLÓGICA	
Felipe Mendes de Vasconcelos	
Oíliam José Lanna	
DOI 10.22533/at.ed.28221280412	
CAPÍTULO 13	157
O PAPEL DA ARTE EM TEMPOS DE PANDEMIA: MÚSICA E “INDÚSTRIA DO ISOLAMENTO”	
Eder Flávio Moura Bonfim	
Camila Cristina dos Santos	
Maria Flávia Silveira Barbosa	
DOI 10.22533/at.ed.28221280413	
CAPÍTULO 14	176
ASPECTOS DA CONSTRUÇÃO DA PERFORMANCE EM UM QUINTETO DE METAIS: TEMPO E SINCRONIA NA PREPARAÇÃO DE REPERTÓRIO	
Gabriel Ferraz da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.28221280414	
CAPÍTULO 15	188
A CASTA DE LIÇÕES, OBRA DIDÁTICA E MUSICAL DE PEDRO LOPES NOGUEIRA (CA. 1720)	
Gustavo Medina	
Márcio Páscoa	
DOI 10.22533/at.ed.28221280415	
CAPÍTULO 16	203
PRECIPÍCIO DE FAETONTE: ANÁLISE PARA RECONSTRUÇÃO DA PARTE DE VIOLA E	

CANTO DA ÁRIA NAS PUPILAS DOS MEUS OLHOS

Gabriel de Sousa Lima

Márcio Leonel Farias Reis Páscoa

DOI 10.22533/at.ed.28221280416

CAPÍTULO 17.....217

OS TRIOS DE AVONDANO EM DRESDEN: DIÁLOGO ENTRE ESTILOS E GÊNEROS

Manoella Coutinho Costa

Márcio Leonel Farias Reis Páscoa

DOI 10.22533/at.ed.28221280417

CAPÍTULO 18.....237

ORNAMENTAÇÃO LIVRE NAS TRIO-SONATAS *OPUS III* DE A. CORELLI

Roger Lins de Albuquerque Gomes Ribeiro

DOI 10.22533/at.ed.28221280418

CAPÍTULO 19.....252

A CONSULTORIA MUSICAL NA ELABORAÇÃO DE ROTEIROS DE AUDIODESCRIBÇÃO PARA CONCERTOS DE MÚSICA INSTRUMENTAL ERUDITA: UM PROCESSO DE MUSICALIZAÇÃO

Felipe Vieira Monteiro

DOI 10.22533/at.ed.28221280419

CAPÍTULO 20.....259

HISTÓRIA CANTADA: A LETRA DE SAMBA CONTIDA NA OBRA *DESDE QUE O SAMBA É SAMBA*, DE PAULO LINS, COMO UMA NARRATIVA COMPLEMENTAR A DIEGESE

José Carlos Patrício

Walnice Aparecida de Matos Vilalva

DOI 10.22533/at.ed.28221280420

CAPÍTULO 21.....272

ARTISTAS DA REPRESENTAÇÃO JAPONESA E PREMIAÇÕES NA BIENAL DE SÃO PAULO ENTRE 1951 E 1963

Celine Miyuki Hirose

DOI 10.22533/at.ed.28221280421

SOBRE O ORGANIZADOR.....284

ÍNDICE REMISSIVO.....285

CAPÍTULO 2

FORMAS DE TRATAMENTO EM PERSPECTIVA

Data de aceite: 26/04/2021

Data da submissão: 12/02/2021

Luiz Antônio da Silva

Universidade de São Paulo

São Paulo – SP

<http://lattes.cnpq.br/7015461594398552>

RESUMO: A língua é um meio para a interação entre os indivíduos em sociedade, por isso é usada cotidianamente. Como não se pode desvincular língua e sociedade, é necessário conhecer o conjunto de normas que regulam o comportamento adequado dos membros de um meio social. Sendo assim, a sociedade estabelece regras que regulam tais comportamentos. As formas de tratamento fazem parte de tais regras sociais que sancionam determinados comportamentos como adequados ou inadequados. Por formas de tratamento designamos tanto os termos que se referem ao par locutor/interlocutor, como os vocativos usados para chamar a atenção do interlocutor. Assim, as formas de tratamento abrangem tanto os chamados pronomes pessoais de tratamento como as formas nominais, isto é, o uso de nomes próprios, títulos, apelidos e outras formas nominais que identifiquem a pessoa referida. Este trabalho tem por objetivo demonstrar que o estudo das formas de tratamento deve seguir as orientações pragmáticas, a fim de que o usuário possa usar o tratamento adequado à situação em que se encontra.

PALAVRAS-CHAVE: Formas de tratamento, cortesia, descortesia, interação.

ADDRESS FORMS IN PERSPECTIVE

ABSTRACT: Language is a means for interaction between individuals in society, so it is used everyday. Since language and society can not be separated, it is necessary to know the set of rules that regulate behavior members of a social environment. Therefore, society establishes rules that regulate such behaviors. Address Forms are part of such social rules that sanction certain behavior as appropriate or inappropriate. By Address Forms we designate both terms that relate to the speaker/interlocutor pair, as well as the vocatives used to attract the attention of the interlocutor. Thus, Address Forms cover both the so-called personal pronouns of treatment and the nominal forms, that is, the use of proper names, titles, surnames and other nominal forms that identify the referred person. This work aims to demonstrate that the study of the Address Forms must follow the pragmatic guidelines, in order to the user can use the form appropriate to the situation in which it finds itself.

KEYWORDS: Address forms, politeness, impoliteness, interaction.

1 | INTRODUÇÃO

Como se sabe, a linguagem é um meio para a interação entre os indivíduos em sociedade, por isso é usada cotidianamente. Como não se pode desvincular língua e sociedade, é necessário conhecer o conjunto de

normas que regulam o comportamento adequado dos membros de um meio social. Sendo assim, a sociedade estabelece regras que regulam tais comportamentos. As formas de tratamento fazem parte de tais regras sociais que sancionam determinados comportamentos como adequados ou inadequados.

Quando duas ou mais pessoas conversam, uma pode dirigir-se à outra por meio de um nome ou um pronome, que cumprirão a função de apelar ou chamar a atenção do interlocutor. O tratamento é, então, um sistema de significação que abarca diversas modalidades de dirigir-se a uma pessoa. Trata-se de um código social que, quando se transgredir, pode causar prejuízo no relacionamento entre os interlocutores. Por formas de tratamento designamos tanto os termos que se referem ao par locutor/interlocutor, como os vocativos usados para chamar a atenção do interlocutor. Assim, as formas de tratamento abrangem tanto os chamados pronomes pessoais de tratamento como as formas nominais, isto é, o uso de nomes próprios, títulos, apelidos e outras formas nominais que identifiquem a pessoa referida.

As formas de tratamento são variáveis e seguem as variações culturais que se transformam de tempos em tempos. Pedroviejo Esteruelas (2004) ressalta que as formas de tratamento variam e adquirem diferentes valores, porque, nelas, incidem fatores temporais, sociais, de gênero e de idade.

O objetivo deste trabalho é fazer algumas considerações sobre as formas de tratamento no português do Brasil e, especialmente, demonstrar que o estudo de tais formas deve seguir as orientações pragmáticas, isto é, da língua em ação, a fim de que o usuário possa usá-las de forma adequada.

Para ilustrar nossas observações, utilizaremos como *corpus* peças teatrais do século XX, escritas pelo dramaturgo Nelson Rodrigues e publicadas em Rodrigues (1994).

2 | AS GRAMÁTICAS NORMATIVAS E OS TEÓRICOS

No geral, as chamadas Gramáticas Normativas não dão muitas informações a respeito das formas de tratamento. A maioria delas, bem como os livros didáticos, mencionam os pronomes pessoais do caso reto e do caso oblíquo e apresentam um quadro tradicional: primeira pessoa do singular (eu: me, mi comigo), segunda do singular (tu: te, ti, contigo) e terceira do singular (ele, ela: o, a, lhe); primeira pessoa do plural (nós: nos, conosco), segunda do plural (vós: vos, convosco), terceira do plural (eles, elas: os, as, lhes). Entre os pronomes pessoais, incluem-se os pronomes de tratamento.

Almeida (1999:172) define os pronomes de tratamento como “palavras e expressões que substituem a terceira pessoa gramatical: *fulano, beltrano, sicrano, a gente, você, vossa mercê, vossa excelência, vossa senhoria, sua senhoria, sua majestade*”. Para outros, como Bechara (2019:165), formas de tratamento são formas pronominais de tratamento ou formas substantivas de tratamento indireto de 2^a. pessoa que levam o verbo para a 3^a. pessoa.

A eles pertencem as formas de reverência que consistem em dirigir-se às pessoas pelos seus atributos ou qualidades. Cunha e Lindley Cintra (1985) e Bechara (2019) afirmam que uma das características dos pronomes pessoais é indicar as pessoas gramaticais (primeira, segunda e terceira; singular e plural) e as pessoas do discurso (a primeira é a que fala; a segunda, com quem se fala; a terceira, de quem se fala).

De modo semelhante, Neves (2000:457) considera que uma das funções básicas dos pronomes pessoais é a de constituir expressões referenciais que representam, na estrutura formal dos enunciados, os interlocutores que se alternam na enunciação: a primeira pessoa é “aquela de quem parte o discurso, e que só aparece no enunciado quando o locutor faz referência a si mesmo”; a segunda pessoa é “aquela a quem se dirige o discurso, e que só aparece no enunciado quando o locutor se dirige a ela”; a terceira pessoa é “aquela sobre a qual é o discurso”.

Cunha e Lindley Cintra (1985:282) definem *pronomes de tratamento* como “certas palavras e locuções que valem por verdadeiros pronomes pessoais, como: *você, o senhor, Vossa Excelência*”. Segundo Kerbrat-Orecchioni (2006:73), as *formas de tratamento* englobam um conjunto de expressões de que o usuário da língua dispõe para designar o seu interlocutor. Fazem parte dessas *formas de tratamento* os pronomes pessoais (*tu* e *vous*, em francês) e as formas nominais, que são sintagmas nominais empregados em função de vocativo.

Modesto (2009:28) considera as formas de tratamento como “qualquer tipo de expressão linguística que se destina a marcar referência à segunda pessoa do discurso, marcando distância ou relações estabelecidas entre os interlocutores no ato comunicativo.”

Para este estudo, utilizarei o conceito de *formas de tratamento* estabelecido em outro trabalho (Silva, 2003:170). Entendo por *formas de tratamento* palavras ou sintagmas que o usuário da língua emprega para se dirigir e/ou se referir à outra pessoa. As referidas formas de tratamento foram divididas em 4 níveis, explicitados a seguir.

1. *Formas pronominalizadas*, entre as quais estão incluídos não só os pronomes de tratamento *tu* e *vós*, mas também palavras e expressões que equivalem a verdadeiros pronomes de tratamento (Cunha e Lindley Cintra, 1985). Neves (2000:449) não se refere, propriamente, a pronomes de tratamento, mas a pronomes pessoais e enfatiza que uma das funções básicas é a de “constituir expressões referenciais que representam, na estrutura formal dos enunciados, os interlocutores que se alternam na enunciação”. Dessa forma, a primeira pessoa é aquela de quem parte o discurso e aparece no enunciado quando o locutor faz referência a si mesmo. A *segunda pessoa* é aquela a quem se dirige o discurso e aparece no enunciado quando o locutor a ela se dirige. A *terceira pessoa* é “aquela sobre qual é o discurso”. Sendo assim, continua Neves (2000:457), há dois eixos envolvidos: um eixo subjetivo, que contempla as pessoas envolvidas na interação e que têm papel discursivo, locutor (primeira pessoa) e interlocutor (segunda pessoa); um eixo não-subjetivo, que contempla as pessoas ou coisas não envolvidas diretamente na interação,

pois a elas se faz referência. Neste primeiro nível, incluem-se as formas *tu*, *você*, *o senhor*, *a senhora*, quando usados no âmbito do eixo subjetivo: “**Tu** está(s) cansado?”, “**Você** está cansado?”, “**O senhor** está cansado?”, “**A senhora** está cansada?”.

2. *Formas nominais*, constituídas por nomes próprios, nomes de parentesco, nomes de funções (como professor, doutor, etc.), sempre empregados no eixo subjetivo, indicando a pessoa *com quem* se fala. Nesses casos, a forma nominal pode ser substituída por *tu/você/o(a) senhor(a)*, como, por exemplo, quando um filho pergunta ao pai: “**O pai** [=você] está cansado?”. É importante ressaltar que essas formas não são comuns no português do Brasil, mas frequentes no português de Portugal.

3. *Formas vocativas*, isto é, palavras desligadas da estrutura argumental do enunciado e usadas para designar ou chamar a pessoa com quem se fala. Normalmente, essas formas são acompanhadas por pronomes pessoais explícitos ou implícitos. Por exemplo, o filho perguntando ao pai: “**Pai**, você está cansado?” ou “**Pai**, está cansado?”.

4. *Outras formas referenciais*, isto é, palavras usadas como referência à pessoa de quem se fala, portanto engloba o eixo-não subjetivo. Por exemplo, dois irmãos conversando e um deles faz a seguinte pergunta sobre o pai: “**O pai** está cansado?”, ou comunica o recado recebido da mãe: “**(A) mamãe** ligou e disse que chegará tarde para o jantar.”

O uso das formas de tratamento é a expressão linguística da estruturação que vigora em determinado meio social. O emprego dos tratamentos não depende, propriamente, do sistema linguístico, mas da forma como a sociedade está organizada. Muitos, ainda, se recordam da agonia do presidente eleito Tancredo Neves. Certa vez, o chefe da equipe médica lembrou aos jornalistas que ele deveria ser tratado como *Professor Doutor*, tratamento especial reservado a um tipo específico de médico graduado, e não simplesmente como *Doutor*, tratamento dispensado para os médicos em geral.

No Brasil, em meados do século XX e, especialmente, pós-ditadura militar, houve profundas mudanças na sociedade, especialmente em relação à liberação dos costumes. É evidente que os tratamentos acompanharam essas mudanças e, não raro, refletem os costumes mais liberais que vêm caracterizando a sociedade brasileira dos últimos tempos. Tais mudanças sociais têm início nos grandes centros urbanos e, tardiamente, chegam ao interior e à zona rural. As peças de Nelson Rodrigues são ambientadas no Rio de Janeiro nos meados do século XX. Naquela época, o Rio de Janeiro era a capital federal do país e o centro urbano e cultural mais desenvolvido. Assim, entende-se que o uso das formas de tratamento já apresentava um caráter mais distenso do que no restante do país. Naquela época, nas classes de adolescentes, raros eram os professores que não exigiam o tratamento *o(a) senhor(a)*. Atualmente, em todo o território nacional, poucos são os professores que ainda fazem questão do tratamento respeitoso. Outros, todavia, quando são tratados por *o senhor*, logo replicam que o “Senhor” está no céu e liberam um tratamento informal. Algumas professoras se ofendem quando são tratadas de *a senhora*, pois tal forma identifica uma idade mais avançada.

3 | FORMAS DE TRATAMENTO NO PORTUGUÊS

Ainda que o código linguístico seja o mesmo, há grande diferença entre o sistema de tratamento do português de Portugal e do português do Brasil, pois esses países seguiram caminhos distintos quanto ao uso das formas tratamentais. Em Portugal, é comum o uso de *tu* para situações de intimidade, enquanto, no Brasil, o emprego do *tu* é complexo e, ainda, não muito bem delimitado. Para situações de intimidade, no Brasil, é generalizado o uso de *você*; já em Portugal, o uso é restrito e, em algumas regiões, tem conotação pejorativa.

Do ponto de vista morfológico, Lindley Cintra (1972) divide as formas de tratamento no português de Portugal em três tipos: pronominais (*tu, você, vocês*), nominais (*o senhor, a senhora, o senhor Doutor, a senhora professora*, etc.) e verbais (utilização da desinência pessoal do verbo sem qualquer explicitação de nome ou pronome).

No geral, o português do Brasil seguiu o processo mais simplificado de outras línguas europeias, apresentando um sistema dual:

- a. Tratamento próprio da intimidade: *você* ou *tu*;
- b. Tratamento formal: *o senhor, a senhora*.

Há que ressaltar que, no Brasil, há duas formas com a mesma função: *tu* e *você*. Atualmente, predomina este último em quase todo o território brasileiro, pois o *tu* se restringe a algumas regiões ou a alguns bolsões.

Biderman (1972/1973) lembra-nos que até meados do século XIX o pronome *você* tinha no Brasil o mesmo valor atribuído em Portugal e que a mudança de *tu* para *você* no tratamento de intimidade ocorreu entre os séculos XIX e XX.

No Brasil ocorreu a substituição do *tu* por *você*, como forma de tratamento familiar e íntima, fato que se deve ter processado na virada do século XIX para o XX. A correspondência de Machado de Assis dá testemunho desse fenômeno social e linguístico. Até os anos 1870, Machado usava *tu* com os íntimos, de modo geral. No final do século XIX e começo do século XX serviu-se quase exclusivamente de *você*. (Biderman, 1972/1973:364)

Em relação ao Brasil, que é o nosso âmbito de análise, Menon (1995:96) afirma que, desde o início da colonização, *você* foi a forma mais utilizada, pois, derivada da transformação fonética da expressão *vossa mercê*, já era considerada uma forma para o tratamento entre iguais. Tudo leva a crer que tal tratamento chegou ao Brasil sem a força cortês que tivera entre os séculos XIII e XIV. Na origem, era uma expressão nominal, constituída de um pronome possessivo e um substantivo. Nessa categoria requer o verbo na terceira pessoa.

A forma *o senhor* tem origem no latim, de *senior*, homem mais velho. De acordo com Santos Luz (1956/1957/1958/1959), na Idade Média, o termo se referia aos proprietários de terra, que eram os que detinham autoridade sobre pessoas e sobre bens materiais. Decorrentes dessa acepção, encontramos termos como *senhor feudal, senhor de escravos*,

senhor de engenho, senhor de uma determinada localidade. De qualquer forma, o termo designa alguém que detinha autoridade e poder.

Tudo indica que entrou em Portugal, por via francesa. Na verdade, era um honorífico e era usado para o rei e, depois, para a família do rei e para a nobreza. No século XVIII, começou a ser usado como tratamento formal e respeitoso.

Atualmente, o uso de *o senhor/a senhora* está mais restrito. No passado, em geral, os filhos usavam esse tipo de tratamento para pais e parentes em geral. Conforme já demonstrado em outros trabalhos (Silva, 2002 e 2011; Ramos (2011), diminui, significativamente, a porcentagem de filhos que usam *o senhor/a senhora* para pais e avós e, na mesma proporção, aumenta o número daqueles que empregam a forma *você* tanto para pais como para avós.

O uso atual das formas *o senhor/a senhora* está condicionado por alguns fatores, como a idade do interlocutor, a autoridade exercida pelo interlocutor, a distância pretendida pelo locutor. Pode ser usado como uma estratégia de cortesia ou valorização da imagem, com a finalidade de obter algum benefício do interlocutor. Também, observa-se o emprego com conotação irônica, especialmente quando parte de alguém com mais idade ou hierarquicamente superior.

4 | O PONTO DE VISTA DA PRAGMÁTICA

Do ponto de vista gramatical, é possível dizer que tal forma de tratamento é usada para manifestar cortesia ou descortesia, no entanto a Pragmática nos ensina que, de fato, é a situação de uso que nos dirá que esta ou aquela forma está sendo usada para marcar reverência, respeito ou intimidade.

Outro aspecto importante a ressaltar é o fato de não podermos afirmar que esta ou aquela forma seja cortês ou descortês, nem que esta ou aquela forma ameace ou preserve a face negativa ou positiva, pois cabe às circunstâncias resolver essas questões. É a situação comunicativa que resolverá essas questões.

Os exemplos a seguir foram retirados de peças de teatro, escritas por Nelson Rodrigues (Rodrigues, 1994).

Exemplo 1

Umberto _ viu? Não adianta. Fique onde está, quietinha!

Lídia _ Deixa eu passar! Indigno!

Umberto _ Diz isso e quando acaba – gosta de mim!

Lídia _ Eu?

Umberto _ As mulheres são engraçadíssimas!

Lídia _ Está doido!

Umberto _ Doido coisa nenhuma... **Você**...

Lídia _ Não me chame de **você**!

Umberto _ Chamo, sim... **Você**, ouviu? **Você**... **Você** gosta de mim e sabe disso.

(“A mulher sem pecado”, p.332)

O fragmento retrata uma cena em que Umberto, motorista da família, aproveita a distração da patroa e a beija. Lídia procura sair da sala, mas Umberto não permite e afirma que a patroa gosta dele. Ela, indignada, diz que ele estava doido. Nesse momento, ele vai dizer algo, mas suspende a voz e trata a patroa por meio do pronome *você*. Como há uma relação de poder entre eles, Lídia o repreende por ter dispensado a ela uma forma familiar e desrespeitosa. Ao usar a forma *você*, Umberto foi descortês, pois não respeitou a hierarquia. Depois da repreensão, o motorista insiste na forma *você*, repetindo-a. Considerando a relação patrão/empregado, Umberto foi descortês ao empregar um tratamento familiar e, nesse caso, inadequado. Entretanto, se considerarmos que Umberto quer enfatizar a relação íntima entre ele e Lídia, ao usar o *você*, rompe a distância que há entre eles por causa da relação profissional. Umberto deseja marcar a aproximação entre ele e Lídia, por isso o termo *você* já selaria essa nova situação.

Há, no entanto, situações em que um dos participantes da interação deseja romper qualquer barreira hierárquica e, para isso, emprega o tratamento informal, que acaba sendo rejeitado pelo interlocutor.

Exemplo 2

D. Márcia (*melíflua*) _ A respeito daquele caso, **Olegário**.

Olegário (*atônito*) _ Que caso?

D. Márcia _ Do Umberto. Estive pensando... E sabe de uma coisa?

Olegário _ Não interrompendo, **d. Márcia!** Lídia não me vai mais a médico nenhum. Tem que arranjar médica, mulher. Eu não quero homem!

D. Márcia _ O Dr. Borborema é tão velho, **Olegário**.

Olegário (*contido*) _ Não interessa!

D. Márcia (*melíflua*) _ Mas assim, **Olegário, você** até ofende!

Olegário _ Ofendo. E que mais?

D. Márcia _ O que é que o médico pode fazer, a mulher não querendo?

Olegário _ O quê? Ver! O médico pode ver, apenas! Acha pouco? (*excitadíssimo*) **A senhora** está aqui para quê, **d. Márcia?** Para discutir comigo?

D. Márcia _ Dei minha opinião, **Olegário**.

Olegário _ Dispensou os seus pontos de vista. Lídia só irá à médica, mulher, pronto, acabou-se!
A senhora está avisada!

D. Márcia _ Eu sei, **Olegário**.

Olegário (*explodindo*) _ E pare com esse negócio de me chamar **Olegário**. Antigamente, **a senhora** só me chamava de “**dr. Olegário**”. Agora, não. Agora, é **Olegário**.

(“A mulher sem pecado”, p.340)

Neste caso, percebemos que a interação se dá entre sogra e genro, que pertencem à mesma faixa etária, contudo a sogra vive às custas do genro, havendo, portanto, uma

posição de hierarquia por causa do poder aquisitivo. No início do diálogo, fica evidente que D. Márcia deseja mitigar qualquer tipo de diferença entre ela e o genro, daí o tratamento informal: *você* e *Olegário* , o nome de batismo. Percebe-se que a personagem D. Márcia deseja preservar a face positiva do genro e demonstrar que há intimidade entre eles.

O genro, no entanto, sem que a sogra perceba, emprega o tratamento formal *dona* e *a senhora* , sinalizando que há uma distância entre eles. Olegário deseja preservar sua face negativa, pois não quer qualquer invasão ao território pessoal nem que haja qualquer interferência em sua liberdade de ação. Por outro lado, Olegário pode interpretar o tratamento informal, a ele dispensado pela sogra, como uma ameaça à face positiva, pois deseja ver preservada sua imagem de superior, “doutor” e provedor da casa. É por isso que repreende D. Márcia ao dizer “E pare com esse negócio de me chamar Olegário. Antigamente, a senhora só me chamava de dr. Olegário”. Agora, não. Agora é Olegário.” Tudo indica que o tratamento *doutor* constituiria um ato valorizador da imagem, pois o termo *doutor* valoriza a face positiva de Olegário.

Há, porém, casos em que se evidencia que o interlocutor, alvo do tratamento formal, deseja um tratamento informal, pois a formalidade coloca em risco sua face positiva.

Exemplo 3

Serginho _ Meu pai.

(*Herculano vira-se em sobressalto*)

Herculano _ Ah! Serginho! Chegou quando?

Serginho (*tenso*) _ **O senhor** agora põe talco nos pés?

(*Herculano levanta-se para beijá-lo. Serginho recua.*)

Serginho _ Não.

Herculano _ **Você** recusa o meu beijo?

Serginho _ E o seu luto, papai? (*trunfo*) Recuso. Recuso o teu beijo. (*muda de tom*) E **o senhor** tirou o luto por quê?

Herculano _ Está me chamando de “**senhor**” e não de “**você**”!

Serginho _ O seu luto? O seu luto?

Herculano _ Vamos conversar com calma, meu filho. Eu não tirei o luto. (*escolhe as palavras*) Apenas, apenas, como não se usa mais.

Serginho (*contido*) _ Não se usa mais. (*impulsivamente*) Por que não se usa mais, **o senhor** esqueceu mamãe, esqueceu?

Herculano _ Nunca! Serginho, vem cá, senta, meu filho!

Serginho (*cortando*) _ **O senhor** me responde uma pergunta?

Herculano (*num apelo*) _ Me chama de **você**!

Serginho _ **O senhor** ainda gosta de mamãe?

(“Toda nudez será castigada”, p.1070-1071)

Neste caso, a interação se dá entre pai e filho, mas em uma situação de conflito, pois o filho estava aborrecido com o pai por ter abolido o luto por causa da morte da mãe.

Repare-se que o filho emprega o tratamento formal *o senhor*. É preciso esclarecer que, ainda, há muitos filhos que dispensam esse tratamento para o pai, contudo o que chama a atenção é o fato de o pai estranhar o tratamento *o senhor*. “Está me chamando de “senhor” e não de “você”? Como se trata de uma interação conflituosa, o filho deseja estabelecer determinada distância entre ele e o pai, a fim de que fique bem clara a reprovação que deseja comunicar. É evidente que Herculano entende a atitude do filho que, em primeiro lugar, recusa o beijo do pai para, depois, tratá-lo por *o senhor* e não *você* como era de hábito. Dessa forma, parece que, para Serginho, o tratamento *você* está relacionado a situações de confiança e familiaridade. Como deseja estabelecer distância em relação ao pai por causa da situação de conflito, rejeita o tratamento *você* e emprega *o senhor*, marcado pela distância, reverência e formalidade. É importante salientar que, devido à situação de conflito em que se encontram, Serginho deseja, deliberadamente, ameaçar a face de seu pai. Isso justifica a insistência dele em usar a forma *o senhor*, na circunstância um tratamento descortês, para ameaçar a face positiva de Herculano, que deseja sedimentar a imagem de um homem que não seja velho.

Por outro lado, a escolha do tratamento formal pode representar a manutenção de estratégias mais conservadoras e, tradicionalmente, mais elegantes, voltadas para a cortesia negativa. O uso da forma *o senhor* supõe a adoção da estratégia de deferência (estratégia 5). Ao empregar tal forma, o locutor sinaliza o reconhecimento da superioridade do interlocutor, tanto nos casos de reconhecida superioridade (assimetria: *você/o senhor*), quanto nos casos em que há uma deferência recíproca (simetria: *o senhor/o senhor*).

Exemplo 4

Tereza (*aterrada*) _ Mas o que é isso?

Oswaldinho _ Vou lhe devolver tudo.

Tereza (*desesperada*) _ escuta, Oswaldinho.

Oswaldinho _ Toma suas jóias.

Tereza _ Você não me entendeu. (*Tereza está rindo e chorando*) Não quero minhas jóias.

Oswaldinho _ **A senhora** me chamou de ladrão.

Tereza _ Ouve sua mãe. É o seguinte: às vezes, as palavras falam demais. Dizem mais do que eu queria dizer. Mas agora eu estou dando. Juro por tudo. Juro por minha mãe, pela alma de minha mãe. Pode levar, Oswaldinho.

Oswaldinho _ Mamãe, **você**.

Tereza (*interrompendo impulsivamente*) _ Ainda bem que você me chamou de **você**. Meu filho, quantas vezes lhe disse para não me chamar de **senhora**?

(“Anti-Nelson Rodrigues”, p.476)

Conforme dissemos em outro momento, não é, propriamente, a forma pronominal que pode ser considerada cortês ou descortês; há outros elementos a considerar. Há pessoas mais velhas que não gostam do tratamento formal *o senhor*, porque, de certa maneira, o tratamento formal as torna mais velhas ou acentua a idade avançada. Neste

exemplo, a mãe pede que o filho não a trate por *a senhora*, pois ameaçava sua face positiva, já que tal tratamento acentua um aspecto que pode denegrir a face positiva, isto é, o conjunto de imagens valorizantes que Tereza constrói. Para ela, o *você* está de acordo com essa imagem.

Exemplo 5

Glorinha (*violenta*) _ pois bem: depois do que eu sei, eu voltaria, sim, hoje às 11 horas e sempre. Para me vingar **do senhor**.

Tio Raul _ Por ora me chama de **você**.

Glorinha (*viril*) _ para me vingar de **você**. Dos outros, de todos. Dos meus tios. De minha avó. E por **você**, o que eu sinto é nojo.

Tio Raul (*sardônico*) _ Nojo de mim, perfeitamente, e que mais?

Glorinha (*exausta*) _ É só.

Tio Raul (*triumfante*) _ Acabaste, então? E não precisas acrescentar mais nada. Disseste tudo, tudo o que eu queria saber, tudo!

(*começa a rir, em crescendo. Glorinha recua, apavorada*)

Glorinha _ Mas foi **você** quem mandou dizer tudo!

Tio Raul _ E me chama outra vez de **senhor**!

(“Perdoa-me por me traíres”, p.821)

Trata-se de uma interação entre Glorinha e seu tio, Raul. Enquanto a sobrinha diz tudo o que pensava e sentia pelo tio, este pede que ela o trate por *você*, pois estaria mais adequado à situação e não comprometeria sua face positiva. Ao final, depois que ela diz que sentia nojo por ele, Tio Raul pede que Glorinha volte ao tratamento de sempre, **o senhor**, pois seria uma forma de preservar a face positiva, apesar de tudo o que ela lhe dissera.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com este trabalho, não tivemos a intenção de fazer um estudo exaustivo a respeito das formas de tratamento. Quisemos, tão somente, tecer algumas considerações sobre o emprego das formas pronominalizadas – *você* e *o senhor* – à luz dos estudos da Pragmática. Mais ainda, propusemo-nos a mostrar que não apenas o tratamento formal, *o senhor*, pode ser considerado uma forma cortês, mas também o tratamento *você*, dependendo das circunstâncias que cercam o evento interacional. Também pudemos observar que o tratamento *o senhor*, em algumas ocasiões, pode ser indelicado e, com isso, ameaçar a face positiva do interlocutor.

Outro aspecto importante a ressaltar é o fato de não podermos afirmar que esta ou aquela forma seja cortês ou descortês, nem que esta ou aquela forma ameace ou preserve a face negativa ou positiva, pois cabe às circunstâncias resolver essas questões. É a situação comunicativa que resolverá essas questões.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Napoleão M.de. **Gramática metódica da língua portuguesa**. São Paulo: Saraiva, 1999.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática da língua portuguesa**. 39.ed., Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2019.

BIDERMAN, Maria Teresa de C. Formas de tratamento e estruturas sociais. **Alfa**: 18/19: 339-381, 1972/1973.

CUNHA, Celso e LINDLEY CINTRA, Luís F. **Nova gramática do português contemporâneo**. 2. ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

KERBRAT-ORECCHIONI, Cathérine. **Análise da Conversação: princípios e métodos**. Tradução de Carlos Piovezani Filho. São Paulo: Parábola, 2006.

LINDLEY CINTRA, Luís F. **Sobre “formas de tratamento” na língua portuguesa**. Lisboa: Livros Horizonte, 1972.

MENON, Odete P. da S. O sistema pronominal do português. **Letras**, no.44, Curitiba, 1995, p.91-106.

MODESTO, Artaxerxes T. T. **Formas de tratamento no português brasileiro: um estudo de caso**. Curitiba: DNAZ Editora, 2009.

NEVES, Maria Helena de M. **Gramática de usos do português**. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

PEDROVIEJO ESTERUELAS, Juan M. Formas de tratamiento en dos obras de teatro del siglo XX: *Historia de una escalera* y *Bajarse al moro*. In: BRAVO, Diana y BRIZ GÓMEZ, Antonio (Eds.). **Pragmática sociocultural: estudios sobre el discurso de cortesía en español**. Barcelona: Ariel Lingüística, 2004, p.245-262.

RAMOS, Jânia (2011). Tratamento na diáde pai e filho: o uso de *você* e *senhor*. In: REBLLO COUTO, Letícia e LOPES, Célia R. dos S. (Orgs.). **As formas de tratamento em português e em espanhol: variação, mudança e funções conversacionais**. Niterói: Editora da UFF, 2011, p.289-301.

RODRIGUES, Nelson. **Teatro completo**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

SANTOS LUZ, M. (1956/1957/1958/1959). Fórmulas de tratamento no português arcaico. **Revista Portuguesa de Filologia VII**: 251-363; VIII: 187-252; IX: 55-157, 1956/1957/1958/1959.

SILVA, Luiz Antônio da. **Formas de tratamento familiar no português brasileiro**. São Paulo: USP. Relatório de Pesquisa de Estágio Sênior (Universidad de Alcalá de Henares, Espanha), apresentado à Capes, 2002.

SILVA, Luiz Antonio da. Tratamentos familiares e referência dos papéis sociais. In: PRETI, Dino (Org.). **Léxico na língua oral e na escrita**. São Paulo: Humanitas, 2003, p.169-194.

SILVA, Luiz Antônio da (2011). O senhor y você: formas de tratamento, cortesia y diversidad cultural en português. In: REBLLO COUTO, Letícia e LOPES, Célia R. dos S. (Orgs.). **Las formas de tratamiento em español y en português e em espanhol: variación, cambio e funciones conversacionales**. Niterói: Editora da UFF, 2011, p.303-314.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Análise do Discurso 59, 72, 93, 109, 135, 136, 138, 146, 150, 155

Argumentação 66, 83, 84, 85, 86, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 104, 108, 109, 110, 131, 137, 140, 141, 146, 180

Artes 68, 70, 157, 163, 164, 165, 187, 203, 207, 210, 212, 217, 222, 237, 254, 257, 277, 279, 281

C

Canto 2, 166, 203, 204, 207, 212, 213, 214, 225, 280

Consultoria Musical 252, 255

D

Dialogismo 109, 123, 147, 150, 153

Discurso 2, 4, 5, 6, 17, 25, 58, 59, 60, 61, 64, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 78, 84, 85, 86, 90, 93, 95, 96, 97, 99, 100, 101, 104, 108, 109, 110, 113, 114, 116, 120, 122, 123, 124, 126, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 142, 144, 145, 146, 150, 155, 166, 178, 180, 184, 186, 193, 205, 210, 211, 215, 218, 223, 241, 243, 249, 250, 271

E

Estilos 81, 124, 157, 167, 170, 171, 186, 217, 218, 219, 220, 223, 226

F

Formas de Tratamento 15, 16, 17, 18, 19, 24, 25

G

Gêneros Textuais 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 119, 120, 121, 284

H

Histórias 42

I

Ideologias 124, 132

J

Jornais 5, 122, 123, 130, 131, 132, 133, 134, 274

L

Letras 25, 44, 94, 95, 96, 109, 111, 121, 145, 165, 168, 170, 172, 187, 215, 217, 259, 260, 263, 266, 270, 271, 284

Língua de Herança 26, 27, 38, 39

Linguagem Oral 40, 44, 45, 46, 48, 50, 51, 52, 53, 55, 56, 57, 124

Língua Portuguesa 1, 13, 25, 26, 28, 33, 44, 58, 110, 215, 284

Linguística 17, 18, 26, 39, 41, 46, 47, 52, 58, 59, 62, 73, 109, 113, 114, 119, 120, 121, 134, 139, 284

M

Multimodalidade 83, 84, 87, 94

Música 8, 9, 11, 148, 149, 152, 153, 154, 155, 157, 167, 170, 176, 177, 178, 179, 180, 182, 183, 184, 187, 191, 198, 200, 201, 202, 203, 206, 207, 212, 214, 217, 218, 222, 223, 224, 226, 227, 228, 233, 237, 239, 240, 250, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 265, 266, 267, 268

P

Performance 68, 112, 176, 177, 178, 179, 180, 184, 186, 187, 188, 202, 204, 220, 223, 227

Processo de Musicalização 252, 255

R

Representação Japonesa 272, 273

S

Samba 259, 260, 261, 262, 263, 264, 265, 266, 267, 268, 270, 271

Subjetividade 74, 75, 76, 78, 79, 80, 81, 83, 139, 143, 146, 221

Sujeitos 58, 59, 60, 61, 62, 65, 66, 68, 70, 71, 72, 75, 76, 79, 80, 91, 96, 125, 151, 161, 261

T

Tempos Verbais 1, 7, 13, 142

V

Viola 197, 203, 204, 205, 207, 212, 213, 214

Linguística, Letras e Artes:

Sujeitos, Histórias e Ideologias

- 🌐 www.atenaeditora.com.br
- ✉ contato@atenaeditora.com.br
- 📷 @atenaeditora
- 📘 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

2

 **Atena**
Editora

Ano 2021

Linguística, Letras e Artes:

Sujeitos, Histórias e Ideologias

- 🌐 www.atenaeditora.com.br
- ✉ contato@atenaeditora.com.br
- 📷 @atenaeditora
- 📘 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

2

 **Atena**
Editora

Ano 2021